



## A LITERATURA DE PROPAGANDA POR MEIO DO TEXTO MODIFICOU O CONTEXTO DA AMÉRICA DO NORTE

Rosemary de Paula Leite Carter\*

**Resumo** – A literatura de propaganda no século XVII, escrita pelos primeiros colonizadores e viajantes, ajudou a sedimentar o europeu, em terras norte-americanas, com seu otimismo refletido nos textos, simplicidade estética e objetividade. Numa primeira fase, foi primordial para atrair mão de obra europeia, e numa segunda fase, estimulou a autoestima dos primeiros colonizadores ao configurar aos viajantes uma missão especial.

**Palavras-chave:** literatura de propaganda, primeiros colonizadores, Novo Mundo, fatores religiosos e comerciais, objetividade.

### INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é demonstrar o papel que uma literatura considerada de menor valia, a literatura de propaganda ou persuasiva, sem preocupações com estética, auferiu por meio do texto, ao atrair emigrantes para as novas colônias no Novo Mundo no século XVII. Seus objetivos foram, a meu ver, materializados ao considerarmos que ajudou a implantar e sedimentar uma colonização europeia na América do Norte por meio de textos sedutores, interferindo, dessa forma, no contexto.

Essa literatura constituiu-se, primordialmente, de narrativas desenvolvidas pelos primeiros emigrantes e viajantes (colonizadores, comerciantes, mercadores, religiosos) por meio de relatos orais ou escritos.

O ser humano, um eterno curioso, desde épocas remotas já sonhava com terras longínquas. Platão, em *Timaeus* e *Critias*, já descrevia uma ilha idealizada, verdejante e submersa: *Atlantis*. Na mitologia dos povos celtas, há referências a outra ilha paradisíaca, *Avalon* (ALLEN, 1969, p. 13). *Sir* Thomas More, ao escrever *Utopia* em 1516, colocou o cenário na América do Sul. Michael Drayton, poeta elisabetano, citou a Virgínia, na América, como "*Earth's Lonely Paradise*"

---

\* Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e mestra em Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade de São Paulo (USP). Tradutora e intérprete pela Associação Alumni.

(ALLEN, 1969, p. 14). Spenser, poeta inglês, faz menções ao Novo Mundo nos versos de seu poema "The Faerie Queen": "onde se encontra esse reino de fadas, o qual eu tanto pranteio, mesmo que ainda não seja visível, mas que é testemunha de relíquias de tempos antigos, as quais todos ainda desconhecem" (ALLEN, 1969, p. 15). John Donne celebra seu amor à amada ao compará-la com a América recém-descoberta: "Oh minha América! minha terra recém descoberta como sou abençoado por ter lhe descoberto" (ALLEN, 1969, p. 5).

Citarei, a seguir, uma descrição do capitão John Smith, homem forte da colônia de Jamestown (1607), trechos de uma carta do reverendo Alexander Whitaker, estabelecido em Jamestown (1611), e um relato de Francis Higginson (1586-1630).

Esses relatos descritivos alimentaram o sonho de liberdade de grupos religiosos independentes, que se dirigiram para Plymouth, Maryland, Pennsylvania, oprimidos numa Inglaterra dominada pela religião anglicana.

A colonização de Jamestown (1607) estava apoiada financeiramente por uma companhia mercantil, a Virginia Company ou London Company, formada por investidores ricos da cidade de Londres (CALLAGHAN, 1991, p. 12).

Por meio de um decreto, o rei James I estabeleceu essa empresa em 1606. Consistia numa companhia de investidores capitalistas de Londres. Tinha a obrigação de indicar o conselho de Virgínia, o seu governador e outros oficiais, como também era sua a responsabilidade de fornecer os colonos para a colonização, as provisões e os navios para a empreitada. Esses investidores desejavam ver o dinheiro aplicado rapidamente. Assim: "A nova colônia foi fruto da iniciativa particular de um grupo de capitalistas da Virginia Company. Muito semelhantes aos investidores de hoje das companhias tipo "ponto com", esses homens queriam um retorno rápido para o dinheiro investido" (MANN, 2007, p. 38).

## A COLÔNIA DE JAMESTOWN

Segundo dados históricos, foi somente no dia 13 ou 14 de maio de 1607 que um grupo de 104 colonizadores e mais quatro meninos ocuparam uma península na Virgínia. Chamaram seu primeiro povoamento de Jamestown, em homenagem ao rei inglês, ficando-o a quarenta milhas acima do rio James. Os ingleses, entre eles, o capitão John Smith, chegaram em três naus. Encontraram um pequeno império de índios, chamados *tсенacomoco*, na região (MANN, 2007, p. 37). Os colonizadores eram chamados de *tassantassas* pelos índios do local, o que significava "estranhos". Para decepção dos primeiros colonizadores e da Virginia Company, o ouro não foi descoberto como idealizavam, e o tabaco, plantado casualmente para consumo, gerou riquezas para a colônia. A terra ajudou a fixar os emigrantes, e o assunto da procura do ouro foi sobrepujado pelos assuntos agrícolas (MANN, 2007, p. 34).

## A VIRGINIA COMPANY

A Virginia Company parecia estar fadada ao sucesso na América, no século XVII. Havia grandes esperanças de que ela fosse gerar, na nova terra, grandes lucros e riquezas para seus acionistas. Entretanto, à medida que a taxa de mortalidade dos colonos enviados aumentava, as perspectivas financeiras de sucesso para essa colônia diminuíam. Com esses fatos evidentes, o apoio da Virginia Company na colônia foi também definhando. Pode-se dizer que, nos primeiros dez ou doze anos de colonização, a colônia de Jamestown, na Virgínia, enfrentou tempos bem difíceis. Tifo, disenteria, água contaminada e até mesmo o envenenamento por uso de sal rondaram os primeiros anos da colonização. Inicialmente, os colonizadores acharam que poderiam negociar comida com os índios, mas encontraram resistência. Em janeiro de 1608, somente 38 colonos dos 104 iniciais que haviam desembarcado na colônia de Jamestown haviam sobrevivido. Notícias distribuídas em Londres pelas companhias mercantis eram otimistas. Boas intenções levaram o reverendo Alexander Whitaker a atenuar os rigores da realidade do povoamento. Embevecido pela natureza de forte impacto, exuberante com suas densas florestas, animais exóticos, rios com peixes variados e convivendo com os nativos, Whitaker envia, em 1613, suas cartas a Londres. A seguir, destaco alguns trechos:

Os meios para nossa gente viver e subsistir aqui são muitos e com certeza os animais, pássaros, peixes e plantas encontram aqui as mesmas condições favoráveis. [...] Além do mais essa terra está repleta de pássaros de todos os tipos, os quais fornecem a melhor carne aos nossos homens desde que esses aqui chegaram; [...] as matas estão cheias de perus selvagens que correm céleres como galgos. [...] Aqui e acolá presenciamos rios e riachos com quedas de água de todos os tipos, das maiores as menores. Os peixes do mar aparecem em nossos rios em março e ficam por aqui até o fim de setembro. [...] Portanto, desde que Deus aqui dispôs os elementos da terra, do ar e da água com suas criaturas, boas para nosso sustento e alimentação, não permita que o medo de passar fome nessas paragens desestime os espíritos intrépidos de vir a um lugar onde reina tanta abundância (WHITAKER apud WRIGHT et al., 1966, p. 6).

Alexander Whitaker faz, nesse trecho, um triângulo imaginário ao colocar o nome de Deus, conotação cristã, num dos vértices, e a palavra abundância, no outro vértice. Finalmente, menciona os elementos necessários à sobrevivência do homem no universo, na última ponta do triângulo: terra, ar e água. Ao relacionar esses dados, Whitaker abarcava conceitos e pincelava, por meio do texto escrito, imagens de grande importância. Assim notícias de fé e de cristandade na evangelização dos índios nativos, a palavra "abundância", trazendo a imagem de uma fartura à mesa desconhecida pelo homem comum europeu, e as imagens de um desconhecido fértil com os elementos principais para a sobrevivência eram elementos constantes nesse tipo de manifestação literária inicial.

Novos estudos sobre a época, entretanto, trazem outras questões e pontos de vista.

## O CAPITÃO JOHN SMITH

O capitão John Smith fora enviado ao Novo Mundo pela Virginia Company of London. Devido ao seu forte temperamento e à liderança, a colônia de Jamestown, após inúmeros percalços, como o ataque dos índios, a fome e a malária, conseguiu manter-se economicamente. Foi o chefe que com mão enérgica conduziu os primeiros passos desse primeiro povoamento na América do Norte. Em outubro de 1609, John Smith retornou à Inglaterra. Deixou literatura a respeito dos anos passados na América, com descrições dos lugares visitados, parecendo ter interesse em atrair futuros colonizadores para a colônia na América do Norte. Fez a apologia do Novo Mundo. Além de aventureiro, foi um imperialista convicto que queria estimular o interesse de um maior número de ingleses no Novo Mundo. Para dar um cunho de objetividade ao seu relato, fez a narração de suas aventuras e suas descrições da América na terceira pessoa, na tentativa de passar ao leitor uma imparcialidade de ótica e opinião. Uma de suas descrições históricas é o seu relato da Nova Inglaterra, que a caracterizava como uma terra de promessas à espera de europeus idealistas, desejosos de começar uma nova vida com sucesso. Vejamos alguns trechos dessas descrições sob a ótica de John Smith (apud WRIGHT et al., 1966, p. 14): "Quem poderá aspirar à uma satisfação maior, do que aqueles que têm poucas condições financeiras, mas cujo único mérito em conseguir sua fortuna é laborar e pisar naquele chão que adquiriu pelo acaso que a vida lhe proporcionou".

Smith justifica a incursão dos ingleses no Novo Mundo ao relatar que a função dos europeus ingleses era levar os sentimentos e a religião cristã aos selvagens. Conferindo um caráter de cristandade e fraternidade à sua missão, Smith ocultava seu sentido capitalista. Vejamos:

Se esse indivíduo tiver um pouquinho de fé ou um entusiasmo sincero pela religião, o que poderá fazer que não será danoso as outras pessoas, mas agradável a Deus? A conversão daqueles pobres selvagens como também levá-los a conhecer Cristo e a sua benevolência. Por tal trabalho a sua recompensa será triplicada sem restrições (SMITH apud WRIGHT et al., 1966, p. 14).

O capitão Smith confirma, em suas descrições, aquilo que Alexander Whitaker, alguns anos depois, enfatizaria em sua missiva. Vejamos:

A honra e a honestidade estão ligadas às coisas ainda a serem descobertas: como erigir cidades, povoar terras, educar os incultos, corrigir o que não for justo, ensinar a virtude, e ganhar um novo reino para servir a nossa pátria mãe; encontrar emprego para aqueles que não trabalham, pois não sabem ainda o que fazer – e, então, não engane ninguém para que a posteridade não vá se recordar de você por esse motivo; e lembre-se, sempre honre esses conselhos com orgulho (SMITH apud WRIGHT et al., 1966, p. 15).

Na sua literatura persuasiva, o capitão John Smith recorda aos europeus que a natureza e a liberdade auferidas no Novo Mundo dificilmente seriam encontradas na Inglaterra. Seu texto impregnado por palavras de propaganda está direcionado à família, não se esquecendo de mencionar atrativos para o homem, a mulher e a criança.

As descrições aludidas ao meio ambiente, aos animais e às riquezas encontradas na flora e fauna vêm, muitas vezes, pinceladas nas narrativas com doses de exageros, retratando a realidade encontrada na colônia de acordo com os interesses de sedução em jogo.

Vejamos esta parte do relato de Smith (apud WRIGHT et al., 1966, p. 15):

Aos cavalheiros, o que lhes daria mais prazer do que percorrer diariamente aquelas paragens desconhecidas, usando a espingarda e os peixes para caçar e para pegar falcões? [...] as matas, os lagos e os rios não somente oferecem caça suficiente para aqueles que se comprazem com esse tipo de brincadeira ou prazer, mas, também, ao caçar aqueles animais, além do regalo da carne comestível, podem-se aproveitar as peles que são tão ricas que poderão recompensar a labuta diária com o equivalente a um dia de soldo de um capitão.

Smith (apud WRIGHT et al., 1966, p. 16) é objetivo e direto ao encerrar sua narrativa:

Meu intuito não é persuadir crianças a deixarem seus pais, ou homens a deixarem suas esposas, nem tão pouco empregados os seus patrões – mas somente incentivar aqueles que sejam livres e desejosos de partir; os órfãos com treze ou quatorze anos de idade que são apadrinhados em cada paróquia, vila ou país ou, também, jovens casais que possam viver com poucos recursos financeiros, e que aqui, através do seu trabalho, poderão subsistir excepcionalmente bem, sempre com a condição que, primeiramente, haja uma autoridade a controlá-los, moradias para os receber, meios para os defender, e provisões suficientes para a sua subsistência. [...] Desta forma os senhores logo se tornarão ricos, podendo aprender seus ofícios por si próprios, fazendo um grande benefício ao rei, ao país, senhor e servo.

Notamos, no trecho, a preocupação do capitão em atrair pessoas de boa índole. Tenta se eximir de alguma culpa, pois não tem a intenção de separar mulher de seu marido, criança de seus pais. Enfatiza que, se o colonizador fosse casado, deveria vir à América com esposa e prole.

## **A COLÔNIA DE MARYLAND**

A literatura de propaganda e de observação do capitão John Smith, publicada em 1616, serviu também aos interesses de católicos, na ocasião. A expedição católica estava sob a liderança de lorde Baltimore por decreto do rei Charles II. O nome "Maryland" era uma homenagem de Baltimore a Henrietta Maria, esposa do rei. A empreitada para Maryland recebeu:

[...] Várias tentativas foram feitas para sabotar o empreendimento por parte de grupos religiosos inimigos. [...] Dois jesuítas foram levados secretamente a bordo em Cowe na Isle of Wight. Baltimore que havia estudado o relato do Capitão John Smith sobre a Virginia, deu instruções escritas à mão para seu irmão Leonard, que seria investido como governador e para outros cavalheiros católicos. [...] Um dos padres a bordo, o Padre Andrew White, manteve o histórico da fundação da colônia: “[...] Esta baía tem a água mais deliciosa que já presenciei [...] duas porções de terras, tão firmes e férteis, cheias de peixes, bosques de nogueiras, carvalhos e cedros [...] O lugar está repleto não somente com coisas que dão lucro, mas com o prazer” (JOHNSON, 1997, p. 56).

O viajante tinha que transpor vários obstáculos para chegar à América. A viagem tinha uma duração de seis a doze semanas e a comida a bordo era racionada.

Segundo relatos, muitos viajantes não conseguiam chegar ao destino, pois ficaram perdidos no mar, quando nas naus enfrentaram tormentas e tempestades; outros morreram a bordo, vítimas de doenças. Não era, pois, sem grande emoção e “com um quê de alívio” que a visão da nova terra era presenciada a bordo. Alguns chegaram a relatar que, a seis léguas da terra, o ar já exalaria um perfume tão suave “como um jardim recém-plantado”, tamanha era a expectativa quanto ao fim da jornada: “Winthrop fez algumas observações aos seus companheiros e colocou em seu diário numerosas indicações no estilo do Velho Testamento de como, por exemplo, a mão divina lhes havia ajudado na viagem. Perto da costa da Nova Inglaterra escreveu que da margem da praia advinha uma fragrância que lembrava o perfume de um jardim” (JOHNSON, 1997, p. 33).

## RELATOS DE FRANCIS HIGGINSON

Veremos o relato da literatura promocional que Francis Higginson (1586-1630) faz de sua estada na Nova Inglaterra. Higginson havia emigrado para Salem, Massachusetts, e se tornou ministro de sua congregação. Logo após a chegada, enviou para a Inglaterra um relato de sua viagem e impressões sobre o novo país. A Massachusetts Bay Company, uma das companhias mercantis, interessadas na colonização, publicou em Londres esta literatura promocional escrita por Higginson (apud WRIGHT et al., 1966, p. 9):

O tipo do ar da Nova Inglaterra é tão especial que faz com que se recomende esse lugar. A experiência diz que talvez não se encontre no mundo um lugar tão saudável ao corpo e onde os ingleses se dão tão bem. Muitos que não estão bem fisicamente na velha Inglaterra ao vir aqui foram curados totalmente, ficando forte e com saúde. Porque aqui o ar é puro

e claro, com propriedades de cura para aqueles que sofrem de resfriados, melancolia, reumatismo ou os que são flegmáticos.

Na literatura de propaganda, o autor da missiva, para dar autenticidade aos relatos e fatos, "empenha sua palavra" como testemunho de que o que está relatando é a mais pura verdade. Francis Higginson (apud WRIGHT et al., 1966, p. 10-11) não foge à regra e dá o seu testemunho:

Ninguém poderá falar com mais sinceridade e citar a própria experiência do que eu próprio. Meus amigos, que me conhecem bem, poderão contar como eu era doente e como sempre estava com uma dor irritante e tinha um estômago fraco, acompanhado por um tipo de humor que tendia a melancolia. Mas desde que vim para essa terra, eu agradeço a Deus por apresentar agora uma saúde perfeita, estando livre da dor, das ânsias de vômitos, tendo agora um estômago forte para digerir qualquer tipo de comida, aquele que antes não conseguia deglutir a carne mais delicada. E considerando que meu estômago podia somente digerir o que era acompanhado por uma bebida, agora posso frequentemente beber a água da Nova Inglaterra muito bem.

Ao discorrer sobre a fauna e a flora da América, Higginson (apud WRIGHT et al., 1966, p. 10-11) enaltece as "maravilhas" encontradas no Novo Mundo:

Aqui se encontra uma abundância de perus frequentemente mortos nas matas, muito maiores do que os nossos perus da Inglaterra e extraordinariamente gordos, atraentes, carnudos, porque aqui se alimentam muito bem durante o ano inteiro. Já em relação aos morangos, no verão todos os lugares estão repletos deles, assim como encontramos aqui todos os tipos de frutas e frutinhas vermelhas. Durante o tempo do inverno, tenho visto bandos de pombos e venho me alimentando deles. [...] Nesse inverno, essa terra nos tem oferecido gansos e patos selvagens assim como outros tipos de aves. [...] Aqui se descortina uma vida agradável para aqueles que apreciam uma boa fogueira. E apesar de que a Nova Inglaterra não possui um fabricante de velas, pela abundância que vemos de peixes, poderemos tirar deles, o óleo necessário para as lamparinas. Sim, os pinheiros que aqui proliferam em toda parte das matas permitem que tenhamos muitas velas, as quais são bem úteis nas casas. Enviei-lhes algumas dessas velas para que possam experimentá-las.

Discorre sobre o inverno e as serpentes da América:

Em segundo lugar, na estação do inverno, durante dois meses, a terra é coberta com neve que vem acompanhada de geadas bem fortes [...] e como consequência somos forçados

a fazer grandes fogueiras. Em terceiro lugar, esse país sendo repleto de matas e bosques também possui cobras e serpentes de cores estranhas e com tamanhos bem grandes (HIGGINSON apud WRIGHT et al., 1966, p. 10-11).

No final da missiva, apesar de todos os três percalços lembrados, Francis Higginson não deixa de fazer propaganda da nova terra, pois acha que haveria mais benefícios do que malefícios na empreitada da colonização. Termina sua carta "convidando" ingleses honestos e cristãos a embarcar para o Novo Mundo, pois este precisava ser povoado por indivíduos de boa índole:

[...] aqui desejamos a companhia de cristãos honestos e que esses tragam consigo cavalos, ovelhas e outros animais, para que façam um bom proveito dessa terra tão generosa. Grande pena é ver tanta terra boa para o plantio de milho e para pasto estarem desocupadas enquanto que tantos homens honestos e suas famílias na velha Inglaterra, tão populosa, têm dificuldade de encontrar uma ocupação que lhes dê seu sustento. Agora, você já conhece o que a Nova Inglaterra tem a oferecer, tanto os seus benefícios como os malefícios (HIGGINSON apud WRIGHT et al., 1966, p. 11).

Além da causa religiosa (Plymouth, Maryland, Pennsylvania) e do fator comercial (Plymouth), outros eventos vieram a impulsionar emigração europeia para as colônias.

Segundo Johnson (1997, p. 20): "Os que mais se empenharam em eleger os ingleses como a raça escolhida foram os exploradores e os navegadores, os marinheiros, os mercadores aventureiros, os colonizadores e os fazendeiros".

Um desses ingleses, John Davys (apud JOHNSON, 1997, p. 20), faz o seguinte comentário: "Não há dúvida que nós, da Inglaterra, somos essa raça salvadora; pela presença eterna e infalível do Senhor, fomos predestinados a ser enviados pelo mar para junto dos gentios, para ilhas e reinos famosos, a fim de lá pregar a paz do Senhor".

A literatura de propaganda, como podemos constatar, era otimista e didática. Além disso, não utilizava palavras sofisticadas. A mensagem era o ponto importante na narrativa, não sua forma ou no estilo. Simples, sem afetações, de fácil compreensão, de forma que os fatos se misturavam algumas vezes com a fantasia. Por exemplo, um dos escritores da época, o naturalista William Wood (apud HIGH, 2002, p. 5, tradução nossa), afirmava ter visto "leões em Massachusetts".

Assim, segundo a história, nas primeiras décadas da colonização, 6.000 pessoas vieram da Europa para a Virgínia" (MANN, 2007, p. 44). Muitos dos colonizadores seduzidos pelo encanto das palavras de otimismo enfrentaram os perigos das travessias e os mistérios de uma cultura indígena a ser aculturada.



A literatura promocional, por meio do texto eficaz, foi uma das ferramentas da colonização inicial, sob minha óptica, pois, dos 38 homens sobreviventes da empreitada no primeiro ano, o número se multiplicou com a vinda de mais emigrantes, apesar das vicissitudes em mar e terra. Pode-se dizer que, pelo texto de propaganda escrito pelos primeiros intrépidos europeus colonizadores, o contexto dos nativos da América do Norte foi indelevelmente modificado...

## The literature based on propaganda through the text modified the context in North America

**Abstract** – The literature based on propaganda was written by the first settlers and travelers who travelled to North America in the 17<sup>th</sup> century. It helped to attract and settle the European in the New World through optimistic texts using objectivity and an esthetic simplicity in its language. In this work, I argue that in a first phase this literature was of high importance to attract the European labor hand to the American context. In a second phase it stimulated high esteem amongst the settlers and also because this kind of literature gave a special configuration to their mission in North – America.

**Keywords:** literature of propaganda, first settlers, New World, religious and commercial events, objectivity.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, W. *The urgent West*. The American dream and the modern man. Nova York: E. P. Dutton & Co., 1969.

CALLAGHAN, B. O. *An illustrated history of the USA*. Hong Kong: Longman, 1991.

FALK, R. *Spotlight on the USA*. Hong Kong: Oxford University Press, 1993.

HIGH, P. B. *An outline of American Literature*. Nova York: Longman, 2002.

JOHNSON, P. *A history of the American people*. Nova York: HarperCollins, 1997.

KARNAL, L. et al. *História dos Estados Unidos*. Das origens ao século XXI. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MANN, C. C. America, Found & Lost. *The National Geographic Magazine*, p. 33-67, May 2007.

ROYOT, D. *A literatura americana*. Tradução Maria Helena Vieira de Araújo. Revisão técnica de Marcos César de Paula Soares. São Paulo: Ática, 2009.

WRIGHT, L. et al. *American literature*. The 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> Centuries. Nova York: Washington Square Press, 1966. v. 1.